

Evangelho de domingo: os trabalhadores da vinha

Comentário ao Evangelho do XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo A).

Evangelho (Mt 20, 1-16a)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola:

«O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário, que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e mandou-os para a

sua vinha. Saiu a meia manhã, viu outros que estavam na praça ociosos e disse-lhes:

‘Ide vós também para a minha vinha e dar-vos-ei o que for justo’.

E eles foram. Voltou a sair, por volta do meio-dia e pelas três horas da tarde, e fez o mesmo. Saindo ao cair da tarde, encontrou ainda outros que estavam parados e disse-lhes:

‘Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?’.

Eles responderam-lhe:

‘Ninguém nos contratou’.

Ele disse-lhes:

‘Ide vós também para a minha vinha’.

Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao capataz:

‘Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, a começar pelos últimos e a acabar nos primeiros’.

Vieram os do entardecer e receberam um denário cada um. Quando vieram os primeiros, julgaram que iam receber mais, mas receberam também um denário cada um. Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo:

‘Estes últimos trabalharam só uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o peso do dia e o calor’.

Mas o proprietário respondeu a um deles:

‘Amigo, em nada te prejudico. Não foi um denário que ajustaste comigo? Leva o que é teu e segue o teu caminho. Eu quero dar a este último tanto como a ti. Não me será permitido fazer o que quero do que é

meu? Ou serão maus os teus olhos porque eu sou bom?’.

Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos».

Comentário

A parábola dos operários da vinha é uma das explicações mais expressivas do Reino dos Céus e, por extensão, de como deve ser a resposta humana à chamada divina. A imagem da vinha está profundamente enraizada na Bíblia e é empregada habitualmente no Antigo Testamento para simbolizar a ação de Deus sobre o povo eleito, que é como um campo de videiras do qual se cuida com esmero e que deve produzir o bom vinho da salvação (cf. Is 5, 1-7; Sl 80; Ez 15, 1-8).

Na parábola, Jesus refere-se à contratação de empregados que trabalham no campo. Como acontece com outras parábolas, o desenvolvimento da história deixa-nos desconcertados e desafia os nossos critérios e esquemas. No princípio, parece que os operários contratados no início do dia têm razão quando dizem que trabalharam muito mais do que os que o patrão contrata no final da tarde. Se o patrão é bom com estes por terem trabalhado um pouco, por que a sua bondade não se manifesta mais com os que trabalharam mais? Pelo contrário, o patrão responde a um dos que se queixam: «Amigo, em nada te prejudico. Não foi um denário que ajustaste comigo? Leva o que é teu e segue o teu caminho. Eu quero dar a este último tanto como a ti. Não me será permitido fazer o que quero do que é meu? Ou serão maus os teus olhos porque eu sou bom?» (v. 13-15).

A lição da parábola diz respeito, em certo sentido, à caridade para com Deus e para com os outros: já que todos recorremos e beneficiamo-nos da misericórdia divina (que tem uma vinha e pode dar trabalho a quem precisa), não tem sentido exigir de Deus supostos direitos de justiça ou queixar-se de que outros se beneficiem do seu amor. Como Deus é magnânimo, pede-nos que sejamos magnânimos como Ele.

O Papa Francisco explicava assim: «Com esta parábola, Jesus quer abrir o nosso coração à lógica do amor do Pai, que é gratuito e generoso. Trata-se de nos deixarmos surpreender e fascinar pelos ‘pensamentos’ e pelos ‘caminhos’ de Deus que, como recorda o profeta Isaías, não são os nossos pensamentos, não são os nossos caminhos (cf. Is 55, 8). Os pensamentos humanos são muitas vezes marcados por egoísmos e interesses pessoais, e as nossas

veredas estreitas e tortuosas não são comparáveis com os caminhos largos e retos do Senhor. Ele é misericordioso – não nos esqueçamos disto: Ele é misericordioso – perdoa amplamente, está cheio de generosidade e de bondade, que derrama sobre cada um de nós, abrindo a todos os territórios ilimitados do seu amor e da sua graça, os únicos que podem conferir ao coração humano a plenitude da alegria»^[1].

S. Josemaria deduzia também da parábola a necessidade de aproveitar o tempo para fazer o bem, para trabalhar na vinha do Senhor, no meio das nossas ocupações diárias: «aquele homem volta à praça em diferentes ocasiões para contratar trabalhadores, sendo uns chamados ao romper da aurora e outros muito perto da noite. Todos recebem um denário: *o salário que te tinha*

prometido, isto é, a minha imagem e semelhança. No denário está impressa a imagem do Rei. Esta é a misericórdia de Deus, que chama a cada um de acordo com as suas circunstâncias pessoais, porque *quer que todos os homens se salvem.* Mas nós nascemos cristãos, fomos educados na fé, fomos escolhidos claramente pelo Senhor. Esta é a realidade. Então, quando vos sentis chamados a corresponder, mesmo que seja à última hora, podereis continuar na praça pública a apanhar sol, como muitos daqueles operários, porque lhes sobrava tempo?»^[2].

«Recorre comigo à Mãe de Cristo – convidava S. Josemaria como conclusão – Mãe Nossa, que viste crescer Jesus, que o viste aproveitar a sua passagem entre os homens: ensina-me a utilizar os meus dias em serviço da Igreja e das almas. Mãe bondosa, ensina-me a ouvir, no mais

íntimo do meu coração, como uma censura carinhosa, sempre que for necessário, que o meu tempo não me pertence, porque é do Nosso Pai que está nos Céus»^[3].

[1] Francisco, Angelus, 24/09/2017.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 42

[3] *Ibid.*, n. 54.

Pablo M. Edo // Foto: Warren Wong - Unsplash
